



ZÉ PELINTRA: CONCEPÇÕES SOBRE A UMBANDA E O MALANDRO

ZÉ PELINTRA: CONCEPTIONS ABOUT UMBANDA AND THE TRICKSTER

Rodrigo de Sousa da Silva¹

RESUMO

As entidades da umbanda fazem parte de seres espirituais com características únicas, entre esses seres encontra-se Zé Pelintra, uma entidade cercada por peculiaridades, descrito como malandro, apreciador de bebidas e jogador de carteadado, uma entidade negra que recebe várias interpretações. O objetivo de nossa discussão é dialogar com a história da umbanda, seu mito fundador, problematizando com a data de criação da religião, teria sido essa criada no início do século XX ou a partir de 1930, a entidade Zé Pelintra, assim como os exus sofrem um processo de desconstrução. Se levamos em consideração que a religião seria formada a partir da terceira década do século XX, teremos um contexto contrário a malandros, jogadores e capoeiras, porém, uma das entidades da umbanda carrega todos esses elementos, o supracitado Zé Pelintra, portando a desconstrução dessa entidade não é apenas moral, mas uma escolha política. Buscamos discutir que existe uma ambiguidade na forma em que a entidade é descrita, a malandragem referida a esse ser sagrado, não se trata de um elemento depreciativo, mas da proximidade da entidade com o homem, proximidade essa que levará a sua desconstrução. Para construir esse diálogo realizamos uso de autores como Augras (1997), Rohde (2009), Pimentel (2011), através das bibliográficas discutimos como se constrói a ação de desvalorização aos exus, grupo que Zé Pelintra também faz parte e como essa ação não é recente, mas vem se ampliando ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Zé Pelintra. Umbanda. Desconstrução. Exu.

ABSTRACT

The entities from umbanda are part of spiritual beings with unique features, among these beings Zé Pelintra, na entity surrounded by peculiarities, describeb as rascal, fond in drinks and card player, a black entity that receives several interpretations. The purpose of our discussion and dialogue with the history of umbanda, its founding myth, problematizing with the creation date of the religion, it would have been created in the early 20th century or after 1930, the entity Zé Pelintra, as sem o as the exus undergo a deconstruction process. If we take into consideration what religion would be formed from the third decade of the 20th century, we well have a context contrary to rascals, players and capoeiras, however, one of the umbanda entities carries all these elements, the aforementioned Zé Pelintra, therefore, the deconstruction of this entity it's not just moral, but a political choice. We seek to discuss that there is an ambiguity in the way the entity is described, the trickery referred to that sacred being, it is not a derogatory elements, but of the entity's proximity to man, proximity that well lead to its deconstruction. To build this dialogue, we use authors as Augras (1997), Rohde

¹ Graduando no curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal do Acre. E-mail: Rodrigo.rssa@gmail.com.



(2009), Pimentel (2011). Through the bibliographies the exus devaluations to action, group that Zé Pelintra is also part of and as this action is not recent, but it has been expanding over time.

KEYWORDS: Zé Pelintra. Umbanda. Deconstruction. Exu

1. INTRODUÇÃO

As entidades negras fazem parte do universo da Umbanda, algumas associadas a figura do malandro, como exemplo, a entidade Zé Pelintra. Este artigo busca discutir as características atribuídas a esse ser sagrado e dialogar com o mito fundador da religião. Pesquisas diversas discutem o surgimento da religião, o mito fundador envolvendo o médium Zélio e o Caboclo das sete Encruzilhadas é utilizado, porém, outras interpretações também são seguidas, como exemplo, o surgimento da religião a partir da década de 1930 e não a partir da primeira metade do século XX.

A Umbanda teria surgindo a partir de conflitos dentro do espiritismo Kardecista, entidades de negros, por exemplo, não seriam compreendidas como seres espiritualmente elevados, levando membros que interpretavam essas entidades como seres evoluídos a articular cultos a essas entidades. Nosso objetivo é discutir a relação das entidades da Umbanda com discursos discriminativos, associação de suas entidades, a exemplo, dos exus a demônios.

Seguindo nesse objetivo, torna-se fundamental problematizar com a data de fundação da religião, pois, o mito fundador atribui ao médium Zélio e o Caboclo das sete Encruzilhadas a criação da religião entre os anos de 1908, no entanto, esse pensamento deixa de lado conflitos políticos, sociais e ideológicos. Primeiro se compreende que a religião já teria se formado a partir de Zélio e o rompimento com o kardecismo, ou seja, seus ritos, estruturas e símbolos existiram como consolidados, contudo, essa formação se constrói no decorrer do século XX, não nasce pronta. Segundo, deixa-se os conflitos sociais presentes a partir da década de 1930 as margens do diálogo, por exemplo, discursos nacionalistas que direcionam negros e suas entidades a margem dos objetivos “nacionais”, a figura do negro estará associada em certa medida a vadiagem, presente inclusive em alguns malandros representados por entidades.



Entre esses malandros encontra-se Zé Pelintra, esse ser sagrado possui características únicas em suas aparições, recebendo várias descrições. Convém ressaltar que, compreendendo que a partir da década de 1930 a entidade estará representando personagens que não seriam de interesse dos acontecimentos político, como exemplo, o malandro e capoeira, a própria entidade estará representando uma dualidade, pois, ao mesmo tempo que é uma entidade negra também já foi um homem negro que representava tudo aquilo que se banalizava no discurso da década de 1930.

Para a construção da pesquisa utilizaremos como aporte teórico Munique Augras (1997), Vanessa Mauro (2016), Rohde (2009), alguns pensadores que discutem a temática em suas várias linhas de interpretações.

2. BREVES DISCUSSÕES SOBRE O SURGIMENTO DA UMBANDA

As religiões de matriz africana possuem seu conhecimento repassado através da oralidade, cultuam seus ancestrais e fazem uso de incorporações. Seus rituais são marcados pela presença de seres espirituais, no candomblé se cultuam os orixás, entretanto, na Umbanda ocorre uma diversificação ainda maior, se fazem presentes: pretos velhos (seres espirituais que possuem experiência de outras vidas, seja para a cura ou auxílio em outros problemas), caboclos (seres de origem indígena/nativa) e também eres (crianças espirituais).

A religião da Umbanda é de matriz africana, no entanto, é uma religião criada no Brasil, teria sido criada no fim do século XIX e início do século XX (MAURO, 2016), contudo, essa data não é homogênea, inclusive esse é um assunto ainda em discussão. Discutir esse fenômeno é essencial para compreender a consolidação da religião, pois, a discussão permeia em duas possibilidades mais difundidas, teria sido a Umbanda fundada a partir do seu mito fundador, ou se teria surgido na década de 1930, período do Estado Novo (AUGRAS, 1997). No entanto, a priori o diálogo que apresentaremos será embasado no pensamento de Rohdes e Vanessa Mauro

Pode ser contraditório, porém, no mito fundador da Umbanda a religião seria formada a partir de atritos com outra religião espírita, o espiritismo Kardecista, segundo Rohde:



Nessa reunião começaram a se manifestar diversos espíritos de negros escravos e indígenas nos médiuns presentes, e esses espíritos eram convidados a se retirar pelo dirigente da mesa que os julgava (como era e continua sendo comum entre os kardecistas) atrasados espiritual, cultural e moralmente. (ROHDE, 2009, p. 80).

Nesta compreensão haveria uma diferenciação dentro do próprio espiritismo em relação a função e aceitação de entidades, na compreensão Kardecista (ao menos na interpretação de Rohde) o espírito de caboclos, negros e escravos não são compreendidos como capazes de se elevar espiritualmente, portanto, seriam atrasados.

Neste contexto, a descrição dos espíritos como atrasados teria sido o precursor para a formação da Umbanda, no mito fundador da religião um médium e uma entidade ganham o papel de precursores e criadores da Umbanda, recorrendo a Rohde:

Os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais. (ROHDE, 2009, p. 80)

Ainda nesse contexto, a religião teria sido criada a partir de Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, onde “seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas mensagens” (ROHDE, 2009, p. 80)

Na citação de Rohde, a religião teria surgido para transmitir a mensagem de caboclos, índios e de espíritos cuja presença não seria incentivada na doutrina Kardecista, portanto, nesse mito fundador, a religião teria sido criada no início do século XX, entre os anos de 1908.

Mesmo fazendo uso de um dos mitos fundadores da Umbanda descritos por Rohde, convém ressaltar que o autor não compreende esse mito (ou qualquer outro) como fundador da Umbanda, ele reconhece seu valor simbólico, mas critica essa interpretação, segundo Rohde:

Mesmo que os episódios narrados não tenham acontecido, ou que tenham mais componentes míticos do que históricos, eles simbolizam um período de toda forma muito importante no processo de constituição da umbanda tal como a conhecemos (em parte) atualmente. Só que a importância do conteúdo relatado no mito de fundação não pode de forma alguma ser tomada como exclusiva, nem no todo, nem em parte. Tampouco podemos atribuir importância exclusiva a qualquer outro líder ou momento específico na história do complexo universo umbandista, o que certamente configuraria uma redução interpretativa injusta. (ROHDE, 2009, p. 82)



A interpretação de Rohde em nossa concepção é fundamental, pois, ele traz ao debate o mito fundador, esse pode ter um valor simbólico ou espiritual, porém, atribuir a fundação da Umbanda apenas a Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas é também realizar generalizações. Deixando elementos sem explicações.

Contrapondo o pensamento de Rohde, Vanessa Mauro compreende a formação da Umbanda em outra perspectiva, segundo a autora:

A Umbanda, religião brasileira surgida no início do século XX no Rio de Janeiro, é uma mistura de elementos de várias práticas religiosas que coexistiam na então capital brasileira no final do século XIX e início do século XX. Tendo a prática sido denominada Umbanda por praticantes do Kardecismo, do mesmo herdou muitas características religiosas. Mas seu cerne é mesmo a macumba carioca, prática religiosa afro-brasileira muito comum nas periferias do Rio de Janeiro, que após a abolição da escravatura eram moradia dos ex-escravos, agora empregados assalariados urbanizados. (MAURO, p.1, 2016)

Convém ressaltar que, Vanessa Mauro compreende a consolidação da Umbanda a partir do século XIX e início do século XX, o mito fundador para ela é o responsável pelo surgimento da religião, uma compreensão seguida por muitos pesquisadores. Isso ocorre, pois, Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas não são compreendidos como símbolos, mas, sim, como os primeiros membros em si da nova doutrina, os organizadores. Seriam os responsáveis por estabelecer a estrutura dos rituais e expandir a religião.

Devemos entender que a interpretação de Vanessa nos possibilita muitas questões a serem problematizadas, ela cita o nome Umbanda como originário de membros kardecistas e que o início da religião remete ao século XIX e início do XX, porém, o grupo que rompeu com o kardecismo não era propriamente umbandista, pois estaria distante da relação com rituais afro. Seria uma linha, ou seja, uma nova forma de compreensão espiritual, porém, sem uma construção ritualística definida.

A interpretação de Rohde e contrária a de Vanessa Mauro, para Rohde o que surgia no fim do século XIX e início do XX, seria ações de um grupo, de acordo com Rohde (2009, p. 83):

Descontentes com o espiritismo kardecista devido a uma divergência no que diz respeito à qualificação moral, cultural e evolutiva mais baixa atribuída aos espíritos de negros e índios que baixavam nas mesas kardecistas desde o século XIX, os quais eram tratados como entidades carentes de luz que deveriam ser no máximo doutrinadas e dispensadas, esse grupo tratará de organizar aquilo que é



compreendido por muitos como uma nova religião, a umbanda (leia-se umbanda branca, e não o todo umbandista).

Nessa compreensão, existiriam atritos dentro do espiritismo kardecista em relação a evolução dos espíritos de negros, indígenas e caboclos. As discussões estariam voltadas a elevação espiritual desses espíritos, o que teria levado um grupo que compreendia esses espíritos como seres de luz, a romper com o grupo Kardecista. Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nesta perspectiva, não teriam impulsionado esse rompimento.

Assim, não teria surgido um movimento umbandista propriamente dito, ou seja, teria surgindo uma compreensão mais ampla em relação as entidades cultuadas, negros, caboclos e índios fariam parte. No entanto, posteriormente seria formado uma linha da Umbanda, citada como branca por Rohde. A linha Branca da Umbanda (formada por pessoas de cor branca e com pouca inclusão de elementos afro) buscava distância de religiões afro, por exemplo, candomblé e quimbanda, pois, essas eram associadas a magia negra (ROHDE, 2009).

A interpretação de Rohde se aproxima da de Augras, como citamos anteriormente, para a autora, a Umbanda teria surgido no período de 1930, nessa concepção, o mito fundador para ela também não seria o precursor, pois, para os teóricos que compreendem o mito como consolidador da Umbanda, citam o seu surgimento e expansão até o ano de 1918.

No entanto, Rohde vai além, ele não compreende a religião da Umbanda como formada no século XIX ou XX, mas, sim, que não existe a criação da religião. A estrutura do culto, incorporações e trabalho de cura existiriam desde o século XVII, portanto, a religião não teria sido criada, seus rituais aconteciam a séculos, contudo, mesmo os rituais estando presente desde os séculos XVII (concepção de ROHDE), não podemos caracterizar com cultos umbandistas, pois, somente a partir de 1930 se incorpora esse nome com toda características ritualista que conhecemos atualmente.

3. ENTIDADES E UMBANDA: O EXU DEMONIZADO

A Umbanda recebe influência de outras religiões, por exemplo, do catolicismo e do Candomblé (SILVA, 2014). Porém, mesmo possuindo esses elementos ela ainda possui sua individualidade. Algumas entidades, como exemplo, Zé Pelintra, se faz presente também em outra religião além da Umbanda. Ou seja, ele aparece na Umbanda, porém, também se faz



presente na Jurema sagrada. Na Jurema ele atua como mestre, no entanto, na Umbanda ele pode baixar (se manifestar) em várias linhas, entre elas: do malandro, Exú e até mesmo do Preto Velho (BARBIERI, 2017)

A linha em que a entidade baixa não é uma unanimidade, para explicar este elemento estaremos recorrendo ao pai de santo Alan Barbieri, no vídeo intitulado *Zé Pelintra*, ele explica que a entidade faz parte de uma falange, portanto, não existe apenas um Zé Pelintra, mais vários espíritos que se apresentam com esse nome e suas características (BARBIERI, 2017), neste caso, cada aparição da entidade se torna ímpar, sua performance, história de vida e profissão podem variar. Isso resulta em várias histórias de um mesmo ser sagrado.

Ressaltamos que Alan Barbieri é pai de Santo, contudo, também escritor, escreveu o livro *Saberes da Umbanda*, sua compreensão sobre a entidade em nossa concepção é de muita relevância, por este motivo fizemos uso do seu vídeo.

Importante ressaltar que, mesmo existindo várias histórias relacionadas a origem da entidade Zé Pelintra, não significa que alguma seja falsa, mas, sim, que cada ser sagrado (pertencente a falange) possui em sua memória uma vida que associa ser a de sua origem. Mesmo com essa diversidade de histórias em relação a sua origem, existem elementos comuns:

Usa terno e calças brancos, gravata vermelha, chapéu panamá e sapatos bicolores. Bebe cerveja e fuma cigarro, e quando incorpora, (a entidade analisada incorpora apenas no pai de santo do terreiro), comanda o trabalho das pombas giras, já que neste terreiro não tem uma linha de malandros para comandar, pois é o único malandro que incorpora nas cerimônias. (MAURO, 2016, p. 2).

As características citadas por Wanessa Mauro ilustram as vestimentas da entidade. Enfatizamos que essas características não são homogêneas, mas, em boa parte dos espaços sagrados, a entidade faz uso desses adereços.

Devemos compreender que Zé Pelintra é uma das muitas entidades existentes na Umbanda, a religião possui uma diversidade de seres sagrados, estes variam de caboclos a pretos velhos, porém, a diversidade é grande, para exemplificar recorreremos a Barbosa e Bairrão:

Além dos quatro tipos tradicionais a que se refere (exus, crianças, caboclos e pretos-velhos) [...] foram considerados outros três (marinheiros, boiadeiros e baianos) e



versões femininas de três deles (pomba-giras, caboclas e baianas), segundo (BARBOSA E BAIRRÃO, 2008, p. 225).

As crianças citadas acima são os eres, porém, mesmo se tratando de crianças são entidades dotadas de respeito. Barbosa e Bairrão citam grupos de entidades em seus escritos, entre os grupos citados existem entidades conhecidas, como exemplo, pomba gírias, essas inclusive são associadas a elementos pejorativos, como a vulgaridade e depravação, isto é, na visão do senso comum. O que demonstra um desconhecimento sobre esse grupo espiritual.

Os exus também estão envolvidos em estereótipos, são inclusive demonizados, trabalharemos essa questão dialogando com Sidnei Oliveira, porém, esse debate também caminha com o preconceito construído não apenas socialmente mas também politicamente, recorrendo a Oliveira:

No caso do arcabouço simbólico da Umbanda, a resistência, dos grupos e pessoas conservadoras sempre foi significativa, por isso que ainda se registram ações policiais, morais, religiosas, culturais ou políticas que visam deter, reverter ou limitar o simbólico e o imaginário umbandista mesmo quando existem períodos ufanistas e de exaltação da nacionalidade e da identidade brasileira. (OLIVEIRA, 2010, p. 35-36).

O que podemos perceber através de Oliveira é que a religião da Umbanda sofre com atritos e conflitos nas vertentes: política, moral e religiosa, contudo, as ações policiais e morais direcionadas a religião não surgem ao acaso. Mesmo em uma conjuntura que eleva a valorização da identidade nacional, a religião da Umbanda não é apresentada enquanto parte desse contexto, no entanto, ela em si seria uma autêntica religião brasileira.

Em contrapartida, politicamente não se pensa dessa maneira e socialmente as entidades, neste caso, os exus sofrem um processo de desconstrução. Segundo Oliveira:

A demonização se insere nesses esforços, pois é uma prática política e cultural que no Brasil constituiu-se em um processo recorrente de destituição e/ou distorção do universo simbólico, imaginário, cultural e discursivo de negros e índios e de grupos não-hegemônicos na sociedade (OLIVEIRA, 2010, p. 36).

O elemento citado por Oliveira é fundamental, pois, inclui a prática política e social como um processo de desconstrução de um universo simbólico associado as culturas que não são hegemônicas, ou seja, se cria um padrão de religiosidade discursivo, sua finalidade seria a aceitabilidade, entretanto, personagens como negros e indígenas não fazem parte de tais grupos (aceitos).



Pensando nessa perspectiva, não devemos estranhar que o culto a entidades, que foge ao padrão discursivo (aceito), seja relacionado a desconstrução, por exemplo, a própria demonização de entidades. Devemos entender que esse processo de desconstrução não é recente, ao contrário, ele é (re) intensificado.

Devemos buscar problematizar com algumas questões, entre elas, que elemento leva a assertiva do exu enquanto um ser demoníaco? Uma possível interpretação é citada por Oliveira:

O estranhamento da figura e do papel do Exu e sua proximidade com a vida humana, especialmente a sexualidade e o poder, o tornou um dos focos principais dessa opressão. A diversidade e a complexidade do Exu, embora fosse sua riqueza era também o que proporcionou a sua demonização. (OLIVEIRA, 2010, p. 37).

No escrito de Oliveira, chama atenção, a característica atribuída ao papel do exu, pois, sua proximidade com a vida humana seria responsável pela sua demonização, ou seja, sua sexualidade, seu gosto pelo prazer das coisas mundanas, como a bebida e o poder, por exemplo. Nesta interpretação, não seria o humano o demoníaco? Ou a regra se aplicaria apenas a um grupo de entidades, de uma religião socialmente não aceita pela maioria?

Essas indagações são importantes, o demoníaco seria o exu por seu comportamento humano, ou seria, a religião a qual esse pertence, pois, na conjuntura política e social essa não se faz presente em maioria.

4. ZÉ PELINTRA: CONCEPÇÕES SOBRE O MALANDRO

O objetivo de dialogar com a entidade Zé Pelintra está relacionado com suas características, uma entidade negra, que é associado a comunidades humildes, nesta perspectiva, trabalhar com uma entidade que se encontra descritas entre dois extremos: o bondoso e o malandro, tona-se importante para compreender os discursos que o cercam.

Devemos compreender primeiro quem é a entidade Zé Pelintra, como já citamos anteriormente, não existe um único Zé, e sim, uma falange, portanto pensar em uma única história de origem seria menosprezar as outras interpretações. Não vamos nos ater a verdade ou mentira sobre o ser sagrado, mas, sim, discutir como Zé Pelintra é apresentado em textos bibliográficos.



Discutiremos a partir de bibliografias, entre as autoras, estão Monique Augras e Vanessa Mauro, primeiramente quem é Zé Pelintra? Nos escritos de Mauro:

Este é uma entidade identificada com os malandros que viviam nas periferias e na boemia das capitais do Rio de Janeiro, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo, e representa bem o particular do sagrado da Umbanda. A figura, que vive à margem do socialmente aceitável, é hoje muito popular em vários terreiros de Umbanda Brasil afora, estando presente também na Jurema Sagrada, onde é mestre juremeiro. (MAURO, 2016, p 1-2).

Zé Pelintra é descrito dentro de uma dualidade, Augras parte dessa perspectiva “é pernambucano e cidadão carioca, sertanejo e morador da Lapa, macumbeiro e catimbozeiro, malandro e letrado. Pertence aos bas-fond e à alta sociedade. Não há porque escolher uma só direção” (AUGRAS, 1997, P. 46).

Conseguimos perceber que a entidade é muito complexa, pois, trata-se de um ser que já viveu outras vidas, portanto, a dualidade descrita por Augras se relaciona a essa questão. Os escritos de Mauro ressaltam algumas características da entidade, o jeito malandro e sua presença como mestre na Jurema. Cita espaços geográficos relacionados com a vida boêmia da entidade, em cidades como o Rio de Janeiro, Pernambuco e Alagoas.

Em cada vida que a entidade encarnou, ela nasceu em uma conjuntura diferente (uma vida, uma cidade e trabalhos diferenciados de sua última), portanto, ele apresenta enquanto entidades lembranças dessas vidas passadas. Resultando em dualidades.

A imagem do malandro cerca a entidade, esse é descrito como um malandro, jogador de carteadado e também apreciador de bebidas, recorrendo a Augras:

[...] em troca de seus trabalhos, ele recebe cigarros, cachaça, algumas moedas depositadas numa encruzilhada, frequentemente ao pé de um porte. Mas o que jamais deve faltar na oferenda, é um baralho. Pois no carteadado que Zé Pelintra tem seu instrumento predileto (AUGRAS, 1997, p. 46).

Conforme citado por Augras acima, as oferendas a entidade também reafirmam o seu lado malandro. Todavia, essas características que a entidade carrega leva a um contexto de conflitos, partilhamos da mesma compreensão de Augras (1997), Pimentel (2011), em relação ao surgimento da religião, ou seja, a Umbanda teria se formado a partir da terceira década do século XX, no entanto, as características que a entidade recebe, em tal contexto, leva a uma quebra de pensamento e construção burguesa.



A imagem do malandro que cerca a entidade e compreendida de forma diferente entre as elites, Pimentel levanta algumas indagações “no projeto civilizador das elites brasileiras, o malandro – negro, mal vestido, violento, capoeira de fala fina e navalha no bolso – era objeto de repressão e discriminação” (PIMENTEL, 2011, p. 03).

Nos escritos de Pimentel temos um contexto a ser explorado, as características descritas, como exemplo, negro, mal vestido, e navalha no bolso, são descrições compreendidas como próximas da violência, se levamos em consideração a consolidação da Umbanda a partir do ano de 1930, entenderemos que “no projeto de progresso, o malandro, vadio, boêmio, que não trabalha devia ser reeducado” (PIMENTEL, 2011, p.03).

Em síntese, as características que Zé Pelintra carrega e o público que o procura, remeteria a um contexto contrário ao que se pensava, poderia se pensar em progresso, porém, os negros, capoeiras e os malandros, nesse sentido, sujeitos que não teriam trabalhos, estariam nesse progresso? A entidade traz a torna e simboliza o que o dito progresso queria negar/esquecer

Importa ressaltar que, os seguidores da entidade compreendem as características, como exemplo, a malandragem, capoeira e até mesmo das vestimentas, como elementos que aproximam a entidade do mundo humano, ou seja, a entidade seria mais próxima dos fiéis, pois, já havia sido humana e conheceria os prazeres terrenos.

Devemos buscar compreender o que seria a malandragem atribuída a entidade, segundo Assunção (2010, p. 176) “Zé Pelintra é visto como o malandro que representa a astúcia, o livre trânsito pela brecha e pelo proibido, o uso dos meios não-sancionados pelas normas morais”. Nessa perspectiva, a ação do malandro seria na resolutiva de problemas utilizando métodos além dos convencionais, ou seja, através de trabalhos espirituais.

Importa ressaltar que, a entidade traz características únicas após sua incorporação, Mauro diz:

Quando ele incorpora, logo o terreiro se torna seu boteco, e os filhos de santo e a assistência, seus amigos e companheiros na bebida. Zé Pilintra transforma o ambiente sagrado e o tempo sagrado, e traz elementos profanos muito característicos do malandro, marginal, para o espaço da gira de Umbanda. Bebendo cerveja e fumando cigarro, faz piadas sobre o amor alheio, lisonjeia as mulheres presentes, conta episódios de sua vida e conversa descontraidamente com os filhos de santo, fazendo aqui e acolá uma previsão certa de algo a acontecer no futuro próximo na vida de alguém. (MAURO, 2016, p. 6).

Após a incorporação a interação da entidade com o público e descontraída, com bebidas, piadas, contudo, seu papel e prestar assistência. Porém preserva atributos do malandro, o gosto pela bebida, elogios as mulheres. Zé Pelintra é uma entidade complexa, traz elementos espirituais, porém, conhecimento mundano, conhece os dois lados, o do malandro e o espiritual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entidades da Umbanda trazem ensinamentos, experiências e também diálogos com imposições oficiais, o desconhecimento sobre a história da religião e principalmente sobre seus seres sagrados, cria estereótipos.

A história da Umbanda ainda está em debate, porém, nosso objetivo nesse breve artigo, foi apresentar um pouco sobre a entidade Zé Pelintra, dialogando com suas características, uma entidade negra presente em duas religiões, uma como Mestre, em outra (Umbanda) capaz de se manifestar em várias linhas, que permeia entre o profano e o sagrado, próximo dos hábitos humanos, por esse motivo demonizado.

As religiões de matriz africana conflitam com interpretações assertivas, que desconstrói muito de seu ritual, desconstrução política, social e moral que não é recente, mas, sim, elaboradas por grupos, nessa breve discussão foi de interesse dialogar um pouco de como essa relação se constrói.

Ela se constrói através de grupos que dizem o que a religião é e seres sagrados são, sem ao menos conhecer, se constrói através de assertivas, através da criação de padrões, um status de veracidade. O que não se encaixa não é de interesse.

A escolha política se faz presente na construção do que si é aceito, seja a religiosidade, os seres sagrados e até mesmo na apresentação de elementos pejorativos. Zé Pelintra se divide em dois malandros, o ritualístico que faz uso de bebidas, brinca com as mulheres, porém, busca trabalhar espiritualmente. E o malandro negro capoeirista que relembra a exclusão de personagens humildes.

REFERENCIAS



AUGRAS, Monique. **Zé Pelintra, patrono da malandragem.** Revista do Patrimônio, n.25, p.43-50, 1997.

ASSUNÇÃO, Luiz. **A transgressão no religioso: Exus e mestres nos rituais da Umbanda.** Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 14, v.21 (1), p.157-183, 2010.

BARBIERI, Alan. 1 vídeo (8 min). **Zé Pelintra.** Publicado pelo canal Alan Barbieri, 2017. Disponível em <https://youtu.be/1xkODg81-3y>.

BARBOSA, Marielle Kellerman; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henrique. **Análise do Movimento em Rituais Umbandistas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.24, n.2, p. 225-233, 2008.

MAURO, Vanessa Caroline. **O malandro sacralizado: representação da entidade “Zé Pelintra” em terreiro de Foz do Iguaçu e a apropriação realizada pelos fiéis.** II simpósio Internacional da ABHR, XV simpósio nacional da ABHR, 2016.

OLIVEIRA, Sidney. **Psicanálise e Umbanda: a demonização do exu como interdição simbólica e intolerância religiosa.** Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH, Maringá, n.8, set, 2010.

PIMENTEL, Pedro Guimarães. **Zé Pelintra, “doutor” de Umbanda: a sacralização pela titulação,** Revista Brasileira de História das Religiões - DHI, Maringá (PR), v.III, n.9, jan, p. 01-15, 2011.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista.** Revista de Estudos da Religião - REVER, São Paulo, v.1, p. 77-96, 2009.

SILVA, Cilma Laurinda Freitas. **O uso terapêutico e religioso das ervas.** Caminhos, Goiânia, v.12, n.1, p.79-92, jan/jun, 2014.

Enviado em: 23/01/2020
Aprovado em: 01/06/2020